

## IMAGEM DA PROFESSORA NO ROMANCE *TIL* - ELOS ENTRE A LÍNGUA E A LITERATURA

ROCHA FILHO, Ulysses  
Universidade Federal de Goiás – CAC/UFG  
ulysses.rochafilho@gmail.com

**Resumo:** Os objetos dessa comunicação são a imagem primeira e a figura secundária de uma professora leiga no romance clássico de José de Alencar (1829-1877) bem como, minimamente, ressaltar seu discurso, sua didática e os princípios norteadores da profissão nos idos do Império brasileiro. A literatura pode oferecer para a história uma representação do estado da humanidade num determinado tempo, num determinado lugar. Costumes, opiniões, afetos, desavenças, homens e mulheres, crianças, um e outro sexo ou gênero; efeitos privados dos acontecimentos públicos (que com mais propriedade se dizem históricos). Sempre seguindo as trilhas *bakhtinianas* de que a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor e a expressão do indivíduo é um produto de várias vozes interligadas, mencionaremos desde como “preparava” suas aulas, sua abordagem no incentivo e na orientação do aprendizado pelos alunos, passando por seu foro íntimo e ressaltando a concepção de uma mocinha romântica presa a um sistema rudimentar do exercício do ato de ensinar. De uma forma romântica, a professora Til/Berta é uma das primeiras imagens de educadores na literatura brasileira: numa época de transição, onde a mulher não era considerada enquanto agente social, essa leiga educa, forma e questiona valores e preconceitos da época em que viveu. A presente comunicação, baseada nos preceitos literários e pedagógicos de KLEIMAN, A. (1995) e SOARES, M.(1998-b), é produto e parte integrante do projeto de pesquisa A figura do professor na literatura brasileira - primeiros momentos, registrada sob nº 29568/SAPP-UFG.

**PALAVRAS – CHAVE:** literatura e ensino; José de Alencar; letramento literário.

*A literatura é, antes de mais nada, um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade de seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, Nicolau, p.29)*

É sempre um desafio percorrer os meandros da linguagem, mais desafiante ainda é percorrer estes espaços sob o viés interdisciplinar. Ao tratar das relações intertextuais na narrativa dita moderna, há de se esclarecer alguns conceitos teóricos sobre a intertextualidade, sobre a polifonia e o dialogismo.

A nosso entender, são proposições que terminam por revelar o real significado do Profissional da Educação junto a qualquer comunidade. Ou seja: deixando de lado a

possibilidade dessa profissão, hipoteticamente, ser um dom, podemos supor que Professor é alguém que gosta de compartilhar o que sabe com o outro, de forma racional.

Escrever a respeito da figura da professora, em tempos idos, idade romântica, parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. E ensinar de forma empírica, sem o aporte teórico, de forma intuitiva. Este artigo é um recorte de obras da literatura brasileira, em especial o romance *Til* (1872), do autor romântico José de Alencar (1829-1877), que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino e como se desenvolveu o processo histórico da educação brasileira além de uma visão parcial de um professor frente a sala de aula em idos de reclusão e censuras morais (*O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Cazuza*, de Viriato Correa; *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato; *São Bernardo e Infância*, de Graciliano Ramos; ou *Menino de Engenho* e *Doidinho*, de José Lins do Rego ou *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo. Outras menções estariam em Clarice Lispector (*Os desastres de Sofia*), Cora Coralina (*A escola de mestre silvinha & O beco da escola – In: 'Poema dos Becos de Goiás e estórias mais'*) ou Guimarães Rosa e tantos outros).

A mestra a quem estamos referindo, é personagem de romance clássico e apresenta todas as características formais do período a que está inserida - seja na descrição física ou no espaço a que está vinculada (fazenda do interior do país, época de aventura e descobertas do século XIX). Sua descrição já apresenta essa ênfase romântica:

Era ela de pequena estatura e tão delgada e flexível no talhe, que dobrava-se como o junco da várzea. As formas da graciosa pubescência, que um corpinho justo debuxaria em doce e palpitante relevo, as dissimulava o frouxo corte de uma jaqueta de flanela escarlate com mangas compridas, e desabotoada sobre um camisote liso, cujos largos colarinhos se rebatiam sobre os ombros, à feição dos que usavam então os meninos de escola. (ALENCAR, 2007, p.06).

Muitas vezes, sem formação, isto é, leiga – tal como se nos apresenta a obra *alencariana* em epígrafe. Obviamente que a realidade brasileira vai corroborar na caracterização dessa figura vez que a profissional espelha a realidade sócio-econômica do país. Em se tratando de época do Brasil pós-colonial, sem políticas educacionais idealizadas e em ambiente hostil, a presença infantil da mestra Berta ilustra o início da educação no país. Berta, vivendo em ambiente hostil, ladeada de pobreza e escravos massacrados pela miséria humana, tenta ensinar rudimentos de leitura e capacidade de escrita, de somar e interpretação às crianças que vivem na fazenda de seu pai.

Um estudo sobre os processos intertextuais e polifônicos remeterá, obrigatoriamente, a Mikhail Bakhtin (2000) – teórico da língua e da literatura. Em seus escritos, nota-se sua preocupação em mostrar o quanto a linguagem tem de dialógica, vez que Bakhtin não vê a língua como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva, parte de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”.

No caso do romance de José de Alencar, vemos a figura da Professora Berta, alcunhada de *Til* pelo alfabetizando Brás, em um ambiente rural e parco de recursos, em contato com a realidade rural do século XIX decidindo, de forma primária (e às vezes utilizando o

próprio chão) a rabiscar as letras do alfabeto e alfabetizar pessoas no seu habitat:

Tirando do balaio uma varinha de peroba em forma de flecha, que lhe servia para esticar o pano, quando tomava o ponto às meias ou cerzia a mais roupa, Berta começou a traçar no chão as letras do alfabeto. À proporção que Brás acertava com o nome de cada letra, a ia apagando a mestra gentil com a ponta do pé buliçoso e faceiro, para escrever outra e outra até o fim do abecedário, como se costuma nas escolas sobre a ardósia. O grande esforço, que faz o idiota para decifrar as letras e sílabas, ressalta-lhe do rosto contraído. As feições de ordinário balordas e flácidas, como abandonadas à sua materialidade pela ausência do espírito, as confrange neste momento a tensão violenta do bestunto porfiando romper a rija crosta que o empederniu. (ALENCAR, 2007, p.86).

(...)

- Esta letra, Brás!... Não se lembra?... Olhe para mim, olhe bem! O que estou fazendo?...

-Rindo!

-Então que letra é?

-Erre?... dizia o rapaz depois de lenta cogitação.

- Isso mesmo (ALENCAR, 2007, p.86).

No capítulo XXIV, intitulado *A lição*, vemos como a personagem Berta educa o deficiente Brás e com o todo cuidado especial, faz toda uma diferença no método pedagógico de ensinar, mesmo apesar de toda precariedade, ela desempenha seu papel de forma correta, pelo menos na visão dela:

Sentara-se a menina em um pedaço de alto pranchão, que aí tinham colocado para servir de banco; e suas mãos sutis e ligeiras tomavam o ponto às meias, ou serziam e remendavam a outra roupa lavada, que precisava de conserto e enchia o balaio posto a seu lado na ponta do tabuão. (ALENCAR, 2007, p.83-84)

Era, sem dúvida, a primeira vez que o Brás dizia certa a oração, pois no gesto da menina, onde vislumbrara uma vaga inquietação, derramou-se grande contentamento pelo triunfo obtido sobre a fatalidade que encadeava aquele espírito bronco.

- Assim, Brás! disse a gentil mestra desfolhando-se, como uma bonina, em ledos sorrisos.

- Til contente? - perguntou timidamente o rapaz, com certa brandura de voz, que desvanecia o tom brusco e explosivo.

- Muito!... (ALENCAR, 2007, p.83-84)

Destarte, os analistas da educação brasileira afirmam que, somente no final do Império e começo da República, delinea-se uma política educacional, fruto do fortalecimento

do Estado. Até então, a política educacional era feita quase que exclusivamente no âmbito da sociedade civil, pela Igreja Católica. Durante a Colônia (1500-1822), a educação assegurava o domínio dos portugueses sobre os índios e negros escravos. No final deste período e durante o Império (1822-1889), delinea-se uma estrutura de classes, e a educação, além de reproduzir a ideologia, passa a reproduzir também esta estrutura de classes. A partir da Primeira República (1889-1930), ela passa a ser paulatinamente valorizada como instrumento reprodutivo das relações de produção.

Até os anos 20, do século XX, a educação brasileira comportou-se como um instrumento de mobilidade social. Os estratos que detinham o poder econômico e político e a utilizavam-na como distintivo de classe. As camadas médias procuravam-na como a principal via de ascensão social, prestígio e integração com os estratos dominantes. Nesta sociedade, ainda não havia uma função «educadora» para os níveis médios e primários, razão pela qual eles não mereceram atenção do Estado, senão formalmente. A oferta de escola média, por exemplo, era incipiente, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado.

O processo de ensinar, adotado por Berta, continua no capítulo seguinte (XXV), intitulado O idiota. Ali verificamos um avanço do personagem Brás em relação ao ensino-aprendizagem diferente do exemplo transcrito anteriormente.

Naquele instante ela era sobretudo mestra; ou mais que mestra, pois não ensinava somente, senão que tirava do caos dessa animalidade confusa e revolta o balbuciar de uma razão sopita. Era quase uma criação a obra sublime, a que se dedicava, de plasmar do mostrengo um ser humano. (ALENCAR, 2007, p.83-84)

No fragmento próximo, o que se considera é outra forma de ensinar no que se alude a uma sala de aula mais repressora, a base de palmatória. Processo este realizado pelo professor

Domingão<sup>1</sup>, nada convencional por dois motivos: um por se tratar de deficiente mental; outro é pela metodologia embasada como no “a ferro e fogo” \_ característica da educação do século XIX, acarretando sérios problemas na sua formação escolar, social etc. Fiel às tradições da antiga profissão, entendia ele lá de si para si que um bom processo de ferrar bestas devia ser por força excelente método de ensinar a leitura e a tabuada: e fossem tirá-lo dessa idéia! Assim encaixava o abecê na cachola do menino com a mesma limpeza e prontidão com que metia um cravo na ferradura. Era negócio de dois gritos, um safanão e três marteladas. Tal era o professor, a quem foi incumbida a tarefa de ensinar a ler ao Brás. Depois dos três primeiros dias de indulgência, pôs o ferrador em prática o seu método repentino, que desta vez, com pasmo seu, falhou completamente. "Nunca, em sua vida, dizia ele, tinha encontrado um jumento de casco tão rijo". Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatória de garantã, e ferrou uma chuva de formidáveis carolos na cabeça do Brás; não conseguiu dele em um mês que repetisse o nome das três primeiras letras (ALENCAR, 2007, p.88).

<sup>1</sup> Aqui podemos recorrer, novamente, à metáfora de Rubem Alves em seu texto *Sobre jequitibás e eucaliptos*.

Ressaltamos que Domingão representa o ensino baseado nas palmatórias, na repetição e na temática do medo. Por isso, Brás não consegue repetisse o nome das três primeiras letras. É contraproducente, não é o exemplo que estamos elaborando de ser professor. *Nunca, em sua vida, dizia ele, tinha encontrado um jumento de casco tão rijo.* (ALENCAR, 2007, p.88).

O teórico Larrosa (1998) afirma que a forma de trabalhar o aspecto da lição na sala de aula ou outro ambiente em que se assemelhe, é de extrema importância. É na sala de aula (ou ambiente que o valha!) que se desenvolve uma íntima relação de amizade entre o professor, livro, a lição e o aluno, deixando que os significativos gestos de liberdade se valendo de um instrumento de grande peso que é a palavra possam romper os caminhos desbravando os conhecimentos que surgem durante o processo ensino-aprendizagem.

O objetivo da lição é proporcionar que o aluno aprenda, de forma sistemática e agradável. O romancista José de Alencar, quando apresenta o capítulo *O abecê* da obra *Til* explica a nomenclatura da obra: a analogia e uma brincadeira a respeito do sinal de acentuação (~):

Quis Berta, para livrar o pobre rapaz dos bolos e repelões do mestre, ensinar-lhe todas as manhãs a lição; e nesse desígnio preparou-lhe uma carta. Continuaram as cenas da escola; e repetiram-se as visagens e gaifonas à vista do til; porém desta vez em maior escala, pela liberdade em que estava o parvalhão do rapaz. No seu afã de imitar o sinal, que tanto lhe dera no goto, virava cambalhotas e corcoveava pela grama (ALENCAR, 2007, p.89).

Ninguém sabe o que passou então no íntimo de Berta, que tinha suas venetas, e de quem se referiam casos que a gente velha do lugar, e especialmente as pretas da fazenda, atribuíam a uma influência misteriosa e sobrenatural.

Associando-se a lembrança original do idiota, disse-lhe a menina, ajudando a palavra com mímica expressiva e apontando para a carta.

- Eu sou til!

Esteve Brás um instante pasmo e boquiaberto, sem compreender, apesar da ânsia com que afinal bateu palmas de contente e deitou a pular, regougando a sua parva risada.

- Eh!... eh!... eh!... Berta, umh!... Berta, umh!...

Daí em diante aquele sinal, que para o idiota era símbolo de graça, da gentileza e do prazer, tornou-se a imagem de Berta, e não se cansava Brás de o repetir, não por palavras, mas por acenos com os meneios mais extravagantes.

Dias depois, chamando-a ele pelo nome, a menina respondeu-lhe:

- Não me chamo mais Berta; meu nome agora é Til.

- Hanh!... fez o idiota com essa interjeição ou bocejo, que na sua bruta linguagem exprimia uma interrogação embasbacada.

- Til!... tornou Berta com a pronúncia clara e vibrante.

Forcejou o infeliz para articular o monossílabo; mas só a custo, e ajudado por Berta, o conseguiu. Causou-lhe isso tão intenso prazer, que a todo o instante proferia o nome, e amudando-o trinava com ele, a modo dos pássaros quando em seu crebro gorjeio repicam a mesma nota.

Assim identificava com a carta pela estranha afinidade que inventara a estultice do menino, Berta recobrou a esperança que já a ia abandonando. Um dia, Brás com violento esforço e após funda concentração, arrancou dos beijos grossos e flácidos estas palavras truncadas: - Brás... bem Til... muito... muito!... Sorriu-se Berta, e agradeceu-lhe com um carinho. (ALENCAR, 2007, p.90 - 91).

O(a) professor(a) é um iniciador(a) dos processos de aprendizagem, tendo como função ser intermediário entre os pais e a futuro da sociedade. Verificamos que esses pressupostos dialogam com o que se espera de um educador. Ainda, para o teórico Back, ele ressalta:

Bom professor é aquele que vai do fácil para o difícil; coloca-se ao nível dos alunos e procura elevá-los; ensina com paciência e carinho infinitos; não passa para lição seguinte, enquanto os alunos não dominarem a precedente: não é máquina para despejar programa, mas utiliza o programa como instrumento para alcançar os objetivos; faz de tudo para que os alunos não possam errar; anima os alunos de sucesso; elogia sempre os que esforçam e que acertam; sua punição é ausência de elogio; faz o aluno trabalhar e conquistar; não dá soluções prontas; não ensina para as quatro paredes, mas educa para a vida; não se preocupa com a soma de conhecimentos para raciocinar e resolver problemas; não é rotineiro; convence mais por suas atitudes do que por palavras; leciona segundo objetivos; avalia segundo o rendimento escolar (BACK, 1987, p.172-173)

Todas as obras literárias evocadas provocam interpretações de diversas levando ao leitor a repensar o papel da professora ou do professor em épocas priscas ou atuais, pois, sabemos que a literatura reflete a realidade e influencia no nosso letramento também. A formação literária, poética, artística ou humanizadora, jamais envelhece, e continuará sendo a melhor orientação para descobrirmos novos rumos. E o motivo é simples: somente sendo seres humanos poderemos retornar o antigo rumo: humanizar o ser humano.

Uma sala de aula desumanizada é uma sala de aula desumanizadora. Uma sala de aula sem arte, sem criatividade, sem literatura... é um espaço frio, ou demasiado quente, barulhento e, não raro, violento. Se o contrário, numa sala de aula, professor e alunos se esforçam por humanizar-se, certamente assistiremos ao progresso mais importante. O progresso no ser. E, deste progresso, de modo equilibrado, decorrerá o progresso no fazer e no ter. (PERISSÉ, 2006, p.137)

Observada dessa forma, é necessário que se resgatem a história do discurso desses e outros personagens Professores e/ou Educadores - pois não existe prática sem sujeito - brasileiros para que sejam referências aos atuais profissionais da educação, questionando e incentivando-os a ir além de suas limitações burocráticas, buscando um intercâmbio interdisciplinar, uma transformação social a partir de textos teóricos da educação e textos

literários.

Entretanto, as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura (o *Letramento literário*), tomando-a como ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção das mesmas ou do contexto a que estão inseridas: sempre apontando para a questão das formações discursivas na forma-sujeito e dos grupos sociais ali inseridos. Tal como Berta faria!

## REFERÊNCIAS:

ALENCAR, José de. **Til**. 2. ed. São Paulo : Ediouro, 2007.

ALVES, Rubem. **Sobre jequitibás e eucaliptos – Amor**. In: Conversas com quem gosta de ensinar. Editora Cortez. São Paulo, 1980.

BACK, Eurico. **Fracasso do ensino de português: proposta de solução**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1987.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e Prática**. São Paulo, Contexto, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAROSSA, Jorge. Sobre a lição. In: **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998/2003.

\_\_\_\_\_. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação 2. ed. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2002, p. 133-160.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura: o caso brasileiro**. In: Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 52-67.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. (Volume 1)

SOARES, M. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir.** In: SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 1998a, p. 61-125.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998b.

<http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf> Acessado: maio 2012.